

A  
PROMESSA  
DE UM  
AMIGO  
W. Bruce Cameron

*Tradução*  
Alda Lima



Rio de Janeiro, 2020

Copyright © 2019 by W. Bruce Cameron. All rights reserved.

Título original: *A Dog's Promise*

Todos os direitos desta publicação são reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copyright.

Diretora editorial: *Raquel Cozer*

Gerente editorial: *Alice Mello*

Editor: *Ulisses Teixeira*

Preparação: *Marcela Isensee*

Revisão: *Thaís Carvas*

Capa: *Guilherme Peres*

Imagem de capa: *M. Miles/ Getty Images*

Diagramação: *Abreu's System*

Copyrighted image

WELL GIEICE RODRIGUES DE SOUZA - BIBLIOTECA - CRB-7/0457

Os pontos de vista desta obra são de responsabilidade de seu autor, não refletindo necessariamente a posição da HarperCollins Brasil, da HarperCollins Publishers ou de sua equipe editorial.

HarperCollins Brasil é uma marca licenciada à Casa dos Livros Editora LTDA.

Todos os direitos reservados à Casa dos Livros Editora LTDA.

Rua da Quitanda, 86, sala 218 — Centro

Rio de Janeiro, RJ — CEP 20091-005

Tel.: (21) 3175-1030

[www.harpercollins.com.br](http://www.harpercollins.com.br)

## Prólogo

**M**EU NOME É BAILEY. JÁ TIVE MUITOS NOMES E MUITAS VIDAS, MAS AGORA ME chamo Bailey. É um bom nome. Eu sou um bom cachorro.

Já morei em uma porção de lugares e, de todos, o mais maravilhoso foi a fazenda — até eu chegar aqui. Esse lugar não tem nome, mas tem praias douradas pelas quais correr, gravetos, bolinhas que se encaixam direitinho na boca e brinquedos que guincham, e todo mundo que já me amou — e ainda me ama — está aqui. Há também, é claro, muitos e muitos cachorros, porque não poderia ser um lugar perfeito sem cachorros.

Sou amado por muitas pessoas porque vivi diversas vidas com vários nomes diferentes. Já fui Toby, Molly, Ellie e Max, já fui Amigão e já fui Bailey. Com cada nome veio uma vida diferente com um propósito diferente. Meu propósito agora é simples — estar com os meus humanos e amá-los. Talvez este fosse o meu maior propósito desde o início.

Aqui não existe dor, só a alegria de estar cercado de amor.

O tempo não era contado e passava serenamente até o meu menino Ethan e a minha menina CJ irem falar comigo. CJ é a filha do Ethan. Fiquei sentado em alerta assim que eles apareceram, porque, de todas as pessoas que já cuidei, esses dois tiveram os papéis mais importantes nas minhas vidas, e estavam se comportando daquele jeito que as pessoas agem quando querem que um cachorro faça alguma coisa.

— Oi, Bailey, meu cachorro bonzinho — cumprimentou-me Ethan. CJ alisou o meu pelo com uma das mãos.

Por um ou dois minutos ficamos apenas compartilhando o nosso amor mútuo.

— Sei que você entende que já viveu antes, Bailey. E sei que teve um propósito muito especial, que me salvou — disse Ethan.

— E me salvou também, Bailey, minha menina Molly, meu Max — falou CJ.

Quando a CJ mencionou aqueles nomes, me lembrei de como acompanhei a jornada da vida dela. Balancei o rabo ao lembrar. Ela me abraçou.

— Não existe nada como o amor de um cão — murmurou ela para Ethan.

— É incondicional — disse ele, concordando e afagando a minha cabeça.

Fechei os olhos com prazer por estar sendo mimado por aqueles dois.

— Mas agora precisamos pedir uma coisa para você, Bailey. Uma coisa tão importante que só você pode fazer — revelou Ethan.

— Mas se não conseguir, tudo bem. Vamos continuar amando você, e você pode voltar para cá e ficar com a gente — disse CJ.

— Ele não vai falhar. Não o nosso Bailey — respondeu Ethan, com um sorriso largo. Ele segurou a minha cabeça entre as mãos, mãos que um dia tiveram cheiro de fazenda, mas que agora só tinham cheiro de Ethan. Olhei para ele com atenção, porque, quando o meu menino fala comigo, posso sentir o amor dele se espalhando como puro calor. — Preciso que você volte, Bailey. Volte para cumprir uma promessa. Eu não pediria isso se não fosse necessário.

O tom de voz era sério, mas ele não estava zangado comigo. Os humanos podem estar felizes, tristes, zangados e muitas outras coisas, e, em geral, basta o tom de voz deles para saber como se sentem. Mas os cachorros são basicamente apenas felizes, o que pode ser o motivo pelo qual não precisamos falar.

— Dessa vez, vai ser diferente, Bailey — alertou CJ. Olhei para ela, que também estava sendo amorosa e gentil. Porém, senti uma

ansiedade, uma preocupação, e me inclinei para que ela pudesse me abraçar mais apertado e se sentir melhor.

— Você não vai se lembrar de nada — falou Ethan suavemente. — De nenhuma das suas vidas. Nem de mim, nem da fazenda, nem deste lugar.

— Bem — contestou CJ, a voz baixinha como a de Ethan. — Talvez não *lembrar*, mas você já passou por tanta coisa que é um cãozinho sábio agora, Bailey. Uma alma antiga.

— A parte difícil, amigão, é que você não vai se lembrar nem de *mim*. CJ e eu vamos sumir da sua memória.

Ethan estava triste. Lambi a mão dele. Cachorros existem por causa da tristeza que as pessoas sentem.

CJ me afagou.

— Mas não para sempre.

Ethan assentiu.

— Isso mesmo, Bailey. Não para sempre. Da próxima vez em que me ver, não vou ter essa aparência, mas você vai me reconhecer, e, quando isso acontecer, vai se lembrar de tudo. De todas as nossas vidas. Tudo vai voltar à sua memória. E talvez aí você também entenda que é um cachorro anjo que ajudou a cumprir uma promessa muito importante.

CJ se remexeu e Ethan olhou para ela.

— Ele não vai falhar — insistiu Ethan. — Não o meu Bailey.

## Capítulo I

**N**O INÍCIO EU SÓ CONHECIA O NUTRITIVO LEITE DA MINHA MÃE E O CALOR ACONCHEGANTE das suas tetas enquanto eu mamava. Quando me tornei mais consciente dos meus arredores, percebi que tinha irmãos e irmãs com quem competir pela atenção da Mãe, e que, conforme eles se agitavam e se contorciam, estavam tentando me deixar de lado. Mas a Mãe me amava — eu sentia isso quando ela me cheirava, quando ela me limpava com a língua. E eu amava a Mãe.

Nosso recanto era feito de piso e paredes de metal, mas a Mãe tinha transformado um rolo macio de pano em uma cama quente nos fundos. Quando os meus irmãozinhos e eu já conseguíamos enxergar e nos movimentar bem o suficiente para explorar, descobrimos que a superfície sob as nossas almofadinhas não só era dura e escorregadia como também fria. A vida era bem melhor no cobertor. O teto acima das nossas cabeças era uma lona frágil que batia com o vento e fazia um barulho estaladiço.

Nada disso era tão interessante para a gente quanto o sedutor e vazio buraco retangular na frente do recanto, através do qual a luz e os cheiros entravam em uma mistura intoxicante. O piso da toca ia além do telhado ali. A Mãe frequentemente seguia até essa janela para o desconhecido, suas unhas batendo na prateleira de metal que avançava para o mundo, e depois... sumia.

A Mãe pulava para dentro daquela luz e desaparecia. Nós, filhotinhos, nos aninhávamos para continuarmos aquecidos no frio da ausência dela, guinchando para confortarmos uns aos outros, e então desabávamos de sono. Eu sentia que os meus irmãos e as minhas irmãs ficavam tão desamparados e ansiosos quanto eu por

medo de a Mãe não voltar, mas ela sempre voltava, aparecendo no meio do buraco retangular tão rápido quanto havia partido.

Assim que a nossa visão e a nossa coordenação melhoraram, juntamos coragem e seguimos o cheiro dela até a beirada. Mas era apavorante. O mundo, vertiginoso com as suas atraentes possibilidades, estava aberto para nós ali embaixo da prateleira, mas acessá-lo significava uma queda livre de uma distância impossível. O recanto ficava acima do chão. Como a Mãe conseguia pular do alto e depois subir de volta?

Eu tinha um irmão que chamava de Menino Pesado. Meus irmãos e eu passávamos a maior parte do tempo tentando tirá-lo do nosso caminho. Quando ele tentava subir em mim para dormir na pilha, parecia que estava tentando esmagar a minha cabeça, e sair de baixo daquele peso não era nada fácil, especialmente com os meus irmãos e as minhas irmãs empurrando. Ele tinha o mesmo focinho e peito branco, com o mesmo corpo sarapintado de branco, cinza e preto que o restante de nós. Mas os seus ossos e a sua carne, de alguma forma, eram mais pesados. Quando a Mãe precisava de um descanso da amamentação e ficava de pé, o Menino Pesado sempre reclamava por mais, e ele estava sempre tentando mamar, mesmo quando os outros filhotes já estavam saciados e prontos para brincar. Eu não conseguia deixar de ficar irritado com ele — a Mãe estava tão magra que dava para ver os ossos dela por baixo da pele, e o seu hálito tinha um cheiro rançoso e doentio, enquanto o Menino Pesado era gorducho e redondo, mas, mesmo assim, exigia mais.

Foi o Menino Pesado que chegou perto demais da borda, o focinho cheirando alguma coisa no ar, talvez ansioso para a nossa mamãe voltar e ele poder continuar sugando a vida dela. Em um instante, ele estava esticado na beirada e, no outro, não estava mais lá. Um estampido alto chegou aos nossos ouvidos.

Eu não sabia se aquilo seria algo ruim.

O Menino Pesado começou a chorar em pânico. O terror dele provocou todo mundo no recanto, de modo que também começamos

a guinchar e chorar, cheirando uns aos outros ansiosamente em busca de conforto.

Naquele exato momento, aprendi que jamais deveria ir até a borda. Aquela direção significava perigo.

E então o Menino Pesado ficou quieto.

O silêncio no recanto foi imediato. Todos sentimos que, se alguma coisa havia pegado o Menino Pesado, poderia muito bem estar vindo atrás da gente. Ficamos aninhados em um pavor mudo.

Com um barulho alto de arranhão, a Mãe apareceu na borda, com o Menino Pesado pendurado, cheio de vergonha, nos dentes dela. Ela o deixou no meio do nosso montinho, e é claro que, na mesma hora, ele guinchou exigindo leite, desconsiderando o fato de que tinha assustado todos nós. Tenho certeza de que eu não era o único filhote que achava que não seria um problema se mamãe tivesse deixado o Menino Pesado lá fora para lidar com as consequências da sua empreitada.

Naquela noite, dormi em cima de uma das minhas irmãs, pensando no que eu havia aprendido. A borda na frente da toca era um lugar perigoso, e uma transgressão não valia a pena, não importa quais aromas suculentos oferecidos pelo mundo surgissem além dali. Ficando perto da cama, pensei, eu estaria seguro.

Mas, conforme descobri alguns dias depois, eu estava errado.

A Mãe cochilava de costas para a gente. Isso chateou os outros filhotes, especialmente o Menino Pesado, porque o cheiro do leite nos atraía, e ele queria mamar. Só que nenhum de nós era forte ou tinha coordenação suficiente para passar por cima dela, e ela estava enfiada no cantinho de trás do nosso refúgio, negando acesso às tetas tanto com a cabeça quanto com o rabo.

Ela levantava a cabeça com um barulho que surgia de vez em quando, um zumbido forte. Antes, o barulho aumentava e diminuía logo, mas, dessa vez, ele se aproximou e, seja lá o que estivesse causando o ruído, a coisa ficou parada por um tempo. Escutamos uma batida, e foi aí que a Mãe se levantou, a cabeça erguendo o teto flexível, as orelhas para trás em alarme.



Alguma coisa estava vindo — baques pesados se aproximavam. A Mãe se imprensou contra o fundo da toca, e fizemos o mesmo. Nenhum de nós se preocupou em mamar naquela hora, nem mesmo o Menino Pesado.

Uma sombra bloqueou a luz de fora do buraco retangular e, com um estrondo alto, a borda para o mundo foi levantada, tornando o recanto um cercado fechado, sem saída. A Mãe ficou ofegante, os olhos arregalados, e a gente sabia que alguma coisa estava prestes a acontecer, uma coisa *terrível*. Ela tentou forçar uma saída pela lateral da toca, mas o teto estava baixo e apertado demais; ela só conseguiu esticar a pontinha do focinho para fora.

O piso da toca balançou e ouvimos outra pancada. Então, com um rugido excruciante, a superfície embaixo das nossas patas começou a tremer. O recanto foi inclinado, e todos nós fomos jogados para um dos lados. Escorregamos pela superfície lisa de metal. Olhei para a Mãe e ela estava com as garras para fora, tentando manter-se de pé. Ela não conseguia ajudar a gente. Os meus irmãos choravam e tentavam ir até ela, mas eu fiquei para trás, me concentrando em não ser atirado para os lados. Não entendia aquelas forças que puxavam o meu corpo; apenas sabia que, se a Mãe estava com medo, então era para eu estar *apavorado*.

O balanço, o estrondo e o tremor duraram tanto tempo que comecei a acreditar que essa seria a minha vida, que a Mãe ficaria alarmada para sempre, que eu seria jogado para a frente e para trás sem parar — mas, de repente, fomos todos arremessados contra a parede traseira da toca, onde ficamos empilhados e depois caímos assim que o barulho e as pressões revoltantes nos nossos corpos acabaram de uma hora para a outra. Até as vibrações pararam.

A Mãe ainda estava com medo. Eu vi ela ficar alerta com uma batida metálica, e virar a cabeça de um lado para o outro ao avaliar um som se aproximando do lugar no qual a borda sempre a havia lançado para o mundo.

E então senti medo de verdade ao vê-la arreganhar os dentes. A minha mãe, sempre calma e gentil, estava se comportando de forma

selvagem e raivosa, os pelos eriçados, os olhos frios.

Com um tinido, a borda caiu de volta no lugar e, por incrível que pareça, havia um homem parado lá. O reconhecimento instintivo veio até mim em um segundo — era como se eu pudesse sentir as mãos dele em mim ou me lembrar de como era a sensação, mesmo sem ter visto aquela criatura antes. Notei os pelos abundantes embaixo do nariz dele, uma barriga redonda e olhos se arregalando de susto.

A Mãe avançou e mostrou os dentes, seu latido repleto de um alerta zangado.

— Aaah! — O homem foi para trás de susto, sumindo de vista. A Mãe continuou latindo.

Meus irmãos estavam congelados de medo. A Mãe voltava para onde nos agrupávamos, babando, os pelos eriçados, as orelhas para trás. Uma fúria maternal emanava dela — eu senti, os meus irmãos sentiram, e, dada a reação do homem, ele com certeza sentiu - também.

E então, com uma brusquidão que fez todos nós recuarmos, a borda se fechou, cobrindo o sol, de modo que a única iluminação era o brilho fraco passando pela cobertura do alto da toca.

O silêncio parecia tão alto quanto os rosnados da Mãe. No escuro, vi os meus irmãos começarem a relaxar, apesar de subirem na minha mãe com uma necessidade frenética por causa do que acontecera, e ela consentiu, deitando-se com um suspiro para dar de mamar.

O que tinha acabado de acontecer? A Mãe havia ficado com medo, mas canalizara aquela emoção em algo feroz. O homem tinha ficado assustado também, mas não transformara aquilo em nada além de um grito de surpresa. E eu sentira uma estranha postura, como se compreendesse algo que a minha mãe não compreendia.

Só que não era verdade. Eu não tinha entendido nada.

Depois de um tempo, a Mãe foi até onde a borda havia sido levantada, farejando o topo. Ela encostou a cabeça na lona, erguendo-a um pouquinho, e um feixe de luz invadiu a toca. Ela emitiu um som ligeiro, um gemido, me deixando arrepiado.

Escutamos novos sons de passos que associei ao homem, e em seguida vozes.

— Quer dar uma olhada?

— Não se ela for feroz como você disse. Quantos filhotes você acha?

— Uns seis, talvez? Eu estava tentando entender o que via quando ela avançou em mim. Achei que ia arrancar o meu braço.

Eram, decidi, homens conversando sobre alguma coisa. Eu sentia o cheiro deles, e eram dois.

— Bem, em primeiro lugar, por que você deixou a caçamba aberta?

— Sei lá.

— Precisamos dessa picape. Você tem que ir buscar o equipamento.

— Tá, mas e os filhotes?

— Basta levá-los até o rio. Você tem alguma arma?

— O quê? Não, eu não tenho uma *arma* nenhuma, pelo amor de Deus.

— Eu tenho uma pistola no caminhão.

— Eu não quero atirar em um monte de filhotinhos, Larry.

— A pistola é para a mãe. Sem ela na jogada, a natureza se encarrega do resto.

— Larry...

— Vai fazer o que mandei?

— Sim, senhor.

— Ótimo.

## Capítulo 4

**E**M POUCOS INSTANTES, LÁ ESTÁVAMOS NÓS DE NOVO ESCORREGANDO PARA TODOS OS lados, mais uma vez sujeitos a barulhos e forças nauseantes que não entendíamos. No entanto, em meio aos mistérios daquele dia, de alguma maneira esse evento em particular parecia menos ameaçador pela repetição. Era improvável demais acreditar que o barulho acabaria logo, que os nossos corpinhos descansariam, que a borda reapareceria, que a Mãe rosnaria e latiria, que um homem gritaria, e que a borda seria fechada? Agora, eu estava mais interessado nos cheiros vindo pelo buraco entre o teto ondulante e as paredes de metal do nosso refúgio: uma rajada de odores exóticos e maravilhosos que traziam consigo o chamado de um mundo promissor.

Quando fomos atirados em uma pilha e o recanto parou de vibrar, a Mãe ficou tensa, e provavelmente todos nós entendemos que um homem caminhava do lado de fora da toca, mas então mais nada aconteceu por um tempo, a não ser a nossa mãe andando para cá e para lá, arfando. Notei que o Menino Pesado a seguia, focado no que, para ele, era o assunto do momento, mas eu sabia que a Mãe não tinha intenção alguma de nos amamentar em uma hora como aquela.

Então ouvimos vozes. Também já havíamos passado por aquilo, assim, bocejei.

— Certo, não sei bem como isso vai acontecer.

Era uma voz que eu não tinha escutado ainda. Imaginei outro homem.

— Talvez, em vez de abrir a caçamba, eu devesse só rolar a lona para trás?

Já essa voz era do homem que havia gritado.

— Acho que só vamos ter uma chance com a mãe. Quando ela perceber o que estamos fazendo, vai pular e fugir pelas laterais.

— Ok.

— Esqueci de perguntar: você está com a arma? — perguntou a voz nova.

— Estou — respondeu a voz conhecida.

— Se importa de fazer?

— Ah, nem pensar, toma isso aqui. Nunca usei uma pistola na vida.

Olhei para a Mãe. Ela parecia menos nervosa. Talvez todos os cachorros ficassem mais calmos quando alguma coisa parecia acontecer de novo e de novo.

Aí, seguiu-se um som de clique irreconhecível.

— Está pronto?

— Estou.

Com um estalo alto, mãos surgiram nas laterais do recanto, e a luz do dia começou a invadir o nosso abrigo. O teto estava sendo puxado pelos homens, que nos olhavam de cima. A Mãe rosnava sinistramente. Havia dois humanos — o de rosto peludo de antes, e um outro mais alto e de rosto liso, com mais pelos na cabeça.

O homem de rosto liso sorriu e os dentes dele eram brancos.

— Certo, garota. Fique quietinha. Vai ser melhor se você ficar quietinha.

— Ela quase arrancou o meu braço antes — disse o homem de rosto peludo.

O Rosto Liso olhou para cima de repente.

— Ela mordeu você?

— Hã, não.

— Bom saber.

— Mas ela não é amigável.

— Ela está com a ninhada. Eles ficam assim mesmo.

Mãe grunhia mais alto. Os dentes estavam à mostra.

— Ei, você. Fique quietinha — falou Rosto Liso.

— Cuidado!

Com as unhas raspando, a Mãe virou para a lateral exposta do recanto e, em um segundo, saltou e sumiu. Meus irmãos reagiram na mesma hora, correndo naquela direção.

— Bom, acho que eu devia ter previsto isso — comentou Rosto Liso com uma risadinha. — Viu como ela estava magra? Parece não ter um lar há um bom tempo. Não vai confiar em pessoas, não importa o quanto a gente seja gentil.

— Mas é grandona.

— Malamute-do-alasca na maior parte, pelo que notei. Esses filhotes têm mais alguma mistura neles. Dogue alemão?

— Ei, obrigado por tirar a bala da arma, eu não sabia fazer isso — disse o Cara Peluda.

— Também tirei o clip. Não acredito que ele entregou a arma para você com uma bala no tambor. Isso é um perigo.

— É, bem, é o chefe, então acho que não vou reclamar. Você, hã, vai contar para alguém que não obedeci às ordens? Eu não ia querer que isso chegasse aos ouvidos dele.

— Diga a ele que você seguiu as ordens. Isso vai explicar por que não sobrou bala nenhuma.

Meus irmãos reagiram de diversas maneiras quando os homens enfiaram as mãos no recanto. Alguns se esconderam, mas outros, como o Menino Pesado, balançaram o rabo e pareceram submissos.

— Posso ver os filhotes?

Olhei para cima ao ouvir aquilo, vindo de uma terceira voz, mais aguda.

— Claro, Ava, tome aqui. — O Rosto Liso levantou uma humana pequena do chão. Era uma garotinha, percebi. Ela bateu palmas.

— Filhotinhos! — guinchou a menina com a voz aguda e encantada.

O Rosto Liso devolveu ela ao chão.

— Hora de colocá-los na caixa.

Ele me pegou com destreza. Fui colocado em uma cesta com os meus irmãos, que apoiavam as patas da frente nas laterais, com os

focinhos erguidos, tentando ver.

O rostinho risonho da menininha apareceu acima da beira do cesto, olhando-nos de cima. Encarei, curioso a respeito daqueles cheiros diferentes vindo dela— doces, apimentados e florais.

— Certo, Ava, vamos levar esse pessoalzinho para dentro, onde está mais quente.

O cesto balançou e o mundo mais uma vez se tornou instável, piorado pela ausência da Mãe. Vários dos meus irmãos guinchavam de medo, enquanto eu me concentrava em tentar ficar fora do caminho do Menino Pesado, quando ele vinha rolando na minha direção.

De repente, o ar ficou mais quente. O novo recanto parou de se mexer. A menininha esticou os braços e me vi gostando do seu toque quando ela me pegou e me levou até o seu rostinho. Seus olhos claros me encararam bem de perto, e senti um impulso de lamber a pele dela, apesar de não entender por quê.

— Temos um problema, Ava — disse o Rosto Liso. — Podemos alimentá-los com uma mamadeira, mas, sem a mãe, não sei se vão sobreviver.

— Eu faço isso! — exclamou a menina na mesma hora.

— Bem, disso eu sei. Mas vamos chegar tarde em casa hoje, e a sua mãe não vai ficar nada feliz.

A menininha ainda me admirava, e eu a admirava de volta, extasiado.

— Quero ficar com esse.

O homem riu.

— Provavelmente não vamos poder, Ava. Venha, vamos começar com as mamadeiras.

Cada experiência era completamente nova. Quando a menininha se sentou me segurando pelas costas, encaixando-me entre as suas pernas, me remexi desconfortável, mas, então, ela baixou um pequeno objeto até a minha boquinha e, quando senti o cheiro forte da gotinha de leite que saía dali, o abocanhei como se fosse uma teta

e suguei com força, sendo recompensado com uma refeição rica e doce.

No recanto com a Mãe, a noite caía aos poucos, mas, nesse lugar novo, acontecia de um instante para o outro, com uma brusquidão tão rápida que eu sentia vários dos meus irmãos se contraírem de medo. Ansiosos sem a nossa mamãe, estávamos inquietos, e demorou um bom tempo para adormecermos. Dormi em cima do Menino Pesado, e foi bem melhor do que quando acontecia o oposto.

A menininha e o homem voltaram na manhã seguinte, e, uma vez mais, ganhamos alimento deitados de costas. Eu sabia que os meus irmãos também haviam sido alimentados por causa do cheiro forte de leite nas suas bocas.

— Precisamos dar um jeito de fazer a mãe deles voltar, Ava — disse o Rosto Liso. — Não vamos conseguir amamentar esses carinhas tanto quanto eles precisam.

— Vou ficar em casa em vez de ir para a escola na segunda-feira — ofereceu a menina.

— Não, você não pode fazer isso.

— Pai...

— Ava, lembra-se de quando expliquei que algumas vezes pegamos um animal e não podemos salvá-lo por ele estar doente ou por ter sido maltratado demais? É como se esses filhotinhos estivessem assim. Tenho outros animais dos quais cuidar e ninguém para me ajudar agora.

— *Por favor.*

— Talvez a mãe deles volte. Está bem, Ava? Vamos torcer para ela sentir falta dos bebês.

A menininha, percebi, se chamava Ava. Ela me pegou um tempinho depois, e as suas mãos faziam eu me sentir seguro e quentinho. Ela me levou até o ar fresco, me aninhando junto ao peito.

Farejei a Mãe antes de vê-la. De repente, Ava arfou alto.

— Você é a mãe? — perguntou ela baixinho.

A Mãe havia saído do meio de árvores espessas e caminhava até a



gente pela grama, um pouco assustada. Ela baixou a cabeça quando a menina falou, sua desconfiança evidente a cada passo incerto.

Ava me colocou no chão, deixando-me sozinho na grama. Vi a minha mãe observar com cautela a menina se afastar até estar na porta do edifício.

— Pai! A mãe deles voltou! — gritou Ava. — Tudo bem, garota — incitou ela em um tom de voz gentil. — Pode ver o seu bebê.

Eu me perguntei o que estávamos fazendo.

## Capítulo 3

**A**VA DEU TAPINHAS NAS PRÓPRIAS COXAS COM AS PALMAS DAS MÃOS.

— Vem, Mamãe! *Por favor*. Se não vier salvar os seus bebês, eles vão morrer.

Apesar de eu não estar entendendo nada, pude ouvir a angústia nas suas palavras. Essa situação tensa, decidi, precisava de um filhotinho. Virei as costas para a minha Mãe, fazendo uma escolha consciente. Eu amava a minha Mãe cadela, mas, no fundo do meu coração, sabia que o meu lugar era com humanos.

— Mamãe, vem pegar o seu menininho! — chamou Ava. Ela me pegou e passou pela porta do prédio, andando de costas por um corredor. A Mãe se arrastou até a soleira, mas parou, desconfiada, sem ceder.

Ava me pôs no chão.

— Não quer o seu bebê?

Eu não sabia o que fazer. Tanto a minha mãe quanto Ava estavam aflitas de ansiedade. Sentia aquilo crepitando delas, estava no hálito azedo da Mãe e em um cheiro que exalava da pele da garotinha. Reclamei, balançando o rabo, confuso. Comecei a me aventurar na direção da Mãe e aquilo pareceu resolver a questão. A Mãe deu alguns passos para dentro, o olhar fixo em mim. De repente, me lembrei dela pulando dentro da nossa toca, segurando o Menino Pesado pela nuca com os dentes, e soube que ela estava vindo. A Mãe disparou na minha direção.

Então a porta atrás dela bateu. O som pareceu apavorá-la. Com as orelhas para trás, ela correu em pânico de um lado para o outro pelo corredor, e então saiu por uma porta lateral. Vi o homem de Rosto

Liso olhando pela janela, e, por algum motivo, balancei o meu rabinho para ele.

Quando ele saiu dali, segui o cheiro da Mãe até um cômodo pequeno. Havia um banco no fundo e a Mãe estava embaixo dele, ofegante, o rosto tenso de medo.

Senti a menininha e o homem atrás de mim na porta.

— Não se aproxime mais, Ava — disse o homem. — Eu já volto.

Eu estava prestes a correr até a Mãe, mas a menininha me pegou do chão. Ela me aninhou, e eu me agitei de prazer.

A Mãe não se mexeu, continuou agachada, se escondendo. Então o homem retornou, trazendo um cheiro forte dos meus irmãos e das minhas irmãs, e pôs a nossa gaiola no chão, abrindo a portinha. O Menino Pesado e os meus outros companheiros de ninhada saíram, atropelando uns aos outros. Quando notaram a Mãe, foram até ela em uma correria descoordenada. Ela saiu de debaixo do banco, orelhas em pé, encarando Ava. Então, a onda de filhotinhos a alcançou, uivando e guinchando, e a Mãe deitou ao lado do banco, deixando os filhinhos mamarem.

A menina me pôs no chão e corri para junto da minha família.

— Isso foi muito bom, Ava! Você fez certinho — elogiou o homem.

O homem, descobri, era chamado de Pai por Ava, e de Sam pelas outras pessoas do prédio. Era um conceito complexo demais para mim, e acabei pensando nele apenas como Sam Pai.

Ava não ficava no prédio o tempo inteiro e nem todo dia. Ainda assim, eu pensava nela como a minha menina, que pertencia a mim e a mais ninguém. Havia outros cães dividindo o nosso quarto grande, cães para ver, cheirar e ouvir nas gaiolas próximas da nossa. Um desses cachorros era uma mãe cadela como a nossa; o cheiro do leite dela viajava pelo ar, e eu ouvia os pios e guinchos da outra ninhada, que não conseguíamos ver por estar no outro canto da sala. Também detectei uma espécie diferente de animal, com um cheiro forte e desconhecido que vinha até mim da outra parte do prédio, e me perguntei o que aquilo poderia ser.

A vida no recanto de metal com o telhado chacoalhante parecia longínqua e distante. O leite da Mãe parecia mais espesso e abundante, e seu hálito não era mais fétido.

— Ela está ganhando peso mesmo amamentando; isso é bom — disse Sam Pai a Ava. — Quando tiver terminado de amamentar, vamos castrá-la e encontrar um lar definitivo para ela.

A Mãe sempre se escondia de Sam Pai, mas, depois de um tempo, começou a ir por vontade própria até Ava, que chamava a Mãe de “Kiki”.

Ava me chamava de Bailey, e, com o tempo, aprendi que aquele era eu, eu era Bailey. O Menino Pesado era Buda. Todos os meus irmãos e as minhas irmãs ganharam nomes, e eu passava os dias brincando com eles na nossa gaiola e no jardim cheio de grama com paredes altas de madeira.

Nenhum dos meus irmãos entendia que Ava e eu tínhamos um relacionamento especial, e a cercavam quando ela abria a portinha da nossa gaiola. Então, resolvi que ia correr até a portinha assim que a menininha entrasse na sala, para estar pronto se ela tivesse vindo para nos soltar.

E deu certo! Ela me pegava no colo, enquanto os outros todos ficavam fervilhando aos pés dela, provavelmente morrendo de ciúme.

— Ah, Bailey, você está tão impaciente, sabe o que está acontecendo?

Ela me levava no colo porque eu era especial. Os meus irmãos seguiam a gente pelo corredor. Ela abriu a porta e me pôs no chão e pulei no Menino Pesado Buda.

— Eu já volto! — cantarolou Ava.

Tínhamos idade suficiente agora para não tropeçarmos nas nossas próprias patas quando corríamos. O Menino Pesado Buda saltou sobre uma bola dura de borracha, então todos nós pulamos em cima dele. Era uma satisfação perceber que eu não era o único filhote que se ressentia de ter sido esmagado pelo nosso irmão grandalhão.

A porta foi aberta de novo e Ava me surpreendeu ao pôr no chão mais três filhotinhos! Corremos até eles, cheirando, balançando o

rabo e escalando para mastigar as orelhas uns dos outros.

Uma filhotinha tinha um focinho preto achatado e um corpo marrom com um respingo branco no peito — seus dois irmãos tinham marcas brancas no rosto. O pelo dela era curto e, quando ficamos focinho com focinho, pareceu que todos os outros filhotes no jardim tinham desaparecido, até mesmo quando um deles se aproximava de nós. Quando a cadela de cara preta correu em volta do jardim, eu corri junto.

A mistura das duas famílias de cachorro virou rotina, e Ava chamava a filhotinha de Lacey. Lacey era mais ou menos da mesma idade que eu e tinha um corpo musculoso, mas compacto, e seus olhos pretos eram brilhantes. Procurávamos um ao outro e brincávamos juntos no jardim com devoção exclusiva. De um jeito que eu não entendia, senti que pertencia mais a Lacey que a Ava. Quando eu dormia, Lacey e eu brincávamos de lutinha nos meus sonhos. Quando eu estava acordado, erguia o meu focinho em uma caça obsessiva para isolar o cheiro dela do cheiro de todos os outros animais. A minha única frustração com aquela vida maravilhosa era ninguém pensar em colocar Lacey e eu na mesma gaiola.

Quando a Mãe começou a evitar as nossas investidas implorando por leite, Sam Pai começou a nos dar pequenas tigelinhas de comida pastosa, que o Menino Pesado parecia achar que só conseguiria comer se estivesse dentro delas. Essa nova circunstância, essa comida, foi um acontecimento tão maravilhoso que eu sonhava com aquilo tanto quanto sonhava com Lacey.

Fiquei louco de alegria quando Lacey e eu enfim fomos colocados na mesma gaiola, dentro de algo que Sam Pai chamou de “a van”. Era uma sala de metal alta com gaiolas de cachorro empilhadas umas sobre as outras, apesar de o interior estar com o cheiro daquele mesmo misterioso e ausente animal. Mas não me importei: Ava tinha notado como eu e Lacey amávamos um ao outro e espertamente concluía que precisávamos estar sempre juntos. Lacey rolou de costas e mordeu a garganta e queixo dela. A barriga de Lacey era quase toda branca e o pelo nela era tão denso e curto quanto o

das costas, diferente dos meus irmãos, que tinham pelos cinza abundantes e um rosto quase todo branco com traços de cinza entre os olhos e em volta do focinho. Quando eu parava para pensar naquilo, supunha que eu devia ter a mesma aparência. As orelhas de Lacey eram tão macias e quentinhas que eu adorava mordiscá-las de leve, o meu queixo estremeando de afeto.

— Também vão ter gatos no evento de adoção, papai? — perguntou Ava.

— Não. Só cachorros. Teremos gatos em dois meses. Maio é o começo do que chamamos de temporada dos gatinhos.

Na van, fomos sujeitos aos mesmos impulsos dos quais me lembrava do dia em que conhecemos Sam Pai e Ava. Aquilo durou tanto tempo que Lacey e eu caímos no sono, a minha pata encaixada entre as mandíbulas dela.

Acordamos quando, com uma guinada, as sacudidas pararam. A lateral da van se abriu e isso permitiu que uma enxurrada de cheiros de cachorros entrasse!

Estávamos todos choramingando, loucos para correr livres e cheirar tudo que esse lugar novo tinha a oferecer, mas aquilo não ia acontecer. Em vez disso, Sam Pai tirou as gaiolas da van, uma a uma. Quando chegou a nossa vez, Lacey e eu nos esparramamos no chão, tontos com o jeito com que Sam Pai nos carregava. Fomos colocados em um chão um pouco arenoso, ainda dentro das gaiolas. Do outro lado, pude ver o Menino Pesado Buda e dois dos meus irmãos, e percebi que todos os cães da van estavam aqui agora, suas gaiolas dispostas em um círculo meio irregular. Os odores caninos estavam ainda mais exacerbados e presentes agora. Lacey e eu farejamos, e ela subiu em mim e aquilo virou uma lutinha. Percebi humanos jovens e velhos andando em volta, mas Lacey ganhava a maior parte da minha atenção.

Então, ela me largou e notei o que a minha amiga estava vendo: uma garota não muito mais velha que Ava, com traços muito diferentes — os olhos e os cabelos de Ava eram claros, sua pele era pálida, mas essa garota tinha cabelos negros, olhos escuros e um tom

de pele mais escuro também. No entanto, ela tinha um cheiro parecido com o de Ava — doce e frutado.

— Ah, você é a bebezinha mais linda. Você é tão linda — sussurrou a garota. Senti a adoração vindo dela conforme a menina enfiava os dedinhos pelas barras de metal e Lacey os lambia. Abri caminho até aqueles dedos para oferecer a minha cota de carinho, mas a garota só queria saber da Lacey.

Sam Pai se agachou.

— Esta é Lacey. Dá para ver que ela é predominantemente boxer.

— Eu quero ela — declarou a menina nova.

— Peça para os seus pais virem até aqui e solto ela para brincar com você — disse Sam Pai. A menininha saiu saltitando. Lacey e eu olhamos um para o outro, surpresos.

Logo um homem mais ou menos da idade de Sam Pai apareceu, seguido por um menino mais velho e maior que Ava. Balancei o rabo, pois nunca tinha visto um menino antes: era como a versão masculina de uma menina!

— Esses dois são da mesma ninhada? A fêmea parece menor — falou o Homem Novo. O menino permaneceu de pé com as mãos nos bolsos, mais trás. Em toda a minha vida, jamais havia conhecido alguém que não quisesse brincar com filhotinhos.

— Não. Achamos que o pai do macho pode ser algum tipo de grande porte, talvez dogue alemão. O filhote tem umas dez semanas e já é bem grande — respondeu Sam Pai. — A mãe é basicamente malamute-do-alasca. A cadelinha é de outra ninhada, uma mistura de boxer. O nome dela é Lacey.

— É de um cachorro grande que estamos precisando.

— Bem, a não ser que você esteja se referindo à estatura, como um lébrel irlandês, não tem como ficar maior que um malamute-do-alasca com dogue alemão no meio. Não mais encorpado, pelo menos. Olha as patas dele — observou Sam Pai com uma risadinha.

— O seu resgate fica em Grand Rapids? É meio longe.

— Sim, viemos de lá com alguns dos nossos maiores cachorros. Aqui em cima, o pessoal gosta de cachorro grande; na cidade,

preferem os pequenos. Antes de eu voltar, vou encher a van de chihuahuas, yorkshires e outras raças de pequeno porte dos abrigos daqui.

Eu me deitei de costas para Lacey atacar o meu pescoço. Uma mulher mais velha se juntou ao Homem Novo e sorriu para a gaiola, mas eu estava ocupado demais sendo maltratado por Lacey para dar bola para ela.

— Como eu disse — falou o Homem Novo —, estamos interessados nos grandes. É para o meu outro filho, Burke. Ele nasceu com um problema na coluna. Os médicos querem esperar ele ficar mais velho para operar, então está em uma cadeira de rodas. Precisamos de um cachorro para ajudá-lo por aí, puxar a cadeira dele, essas coisas.

— Ah. — Sam Pai sacudiu a cabeça. — Existem organizações que treinam animais de assistência. É um trabalho difícil. Você deveria entrar em contato com uma delas.

— Meu filho diz que cachorros que foram treinados devem ir para pessoas que não têm mais esperanças de voltar a andar. Ele se recusa a buscar um cão de assistência. — O Homem Novo deu de ombros. — Burke pode ser meio... teimoso com certas coisas.

O menino com as mãos enfiadas nos bolsos resfolegou e revirou os olhos.

— Chega, Grant — disse o Homem Novo. O menino chutou a terra.

— Você não quer trazer o seu filho para conhecer o macho? O nome dele é Bailey.

O Homem Novo, a mulher mais velha e o garoto levantaram a cabeça de repente. Lacey e eu percebemos aqueles movimentos súbitos e congelamos, imaginando o que poderia estar acontecendo.

— Falei alguma coisa errada? — perguntou Sam Pai.

— É só que a minha família tem uma história com cães chamados Bailey — explicou Homem Novo. — Você, hã, se importa se mudarmos o nome dele?

— O cachorro seria seu, então tudo bem. Quer trazer o seu outro



filho até aqui? Burke?

Ninguém disse nada por um tempo. A mulher mais velha pousou a mão no ombro do Homem Novo, e disse:

— Ele... tem dificuldade em deixar que o vejam na cadeira. Ele não costumava se importar, mas o último ano foi difícil. Ele vai fazer 13 anos em junho.

— Ah, final da pré-adolescência — disse Sam Pai. — Já ouvi falar disso. Ainda tenho alguns anos para me preparar. Ava só tem 10.

— Acho que já podemos tomar a decisão — declarou o Homem Novo. — Imagino que tenha uma taxa.

— Taxas e formulários — respondeu Sam Pai, feliz.

As pessoas novas se afastaram, conversando entre si. De repente, a menininha de cabelos escuros voltou correndo, seguida por dois humanos adultos.

— É essa aqui, papai! — gritou ela.

Ela se ajoelhou, abriu a gaiola e tirou Lacey. Quando fiz menção de ir atrás, ela bateu a porta bem na minha cara.

Fiquei observando com preocupação enquanto a menina se afastava. Para onde estava levando Lacey?

## Capítulo 4

**A** MENININHA DE CABELO PRETO LEVOU LACEY ATÉ DOIS ADULTOS — OS PAIS dela, uma parte da minha mente concluiu. Eu só queria manter Lacey, que ainda estava nos braços da garotinha, no meu campo de visão. Por algum motivo, essa sensação era diferente e mais ameaçadora do que quando Ava levava um de nós no colo. Lacey estava tão afoita quanto eu: quando a colocaram de volta ao chão, ela ignorou a menina de cabelos escuros e correu direto para a minha gaiola e enfiou o focinho entre as grades para me cheirar.

— Lacey! — gritou a menininha, trazendo os pais atrás de si e pegando a minha Lacey no colo de novo.

O Homem Novo e a família dele estavam voltando, e o vi ficar com o corpo mais duro ao ver a família da garota. O menino olhou para o Homem Novo com curiosidade.

— Olá — disse o homem de cabelos escuros.

O Homem Novo reagiu de modo estranho, ignorando o Homem de Cabelos Escuros e se ajoelhando para me tirar da gaiola para eu poder ficar logo com a Lacey.

— Oi — respondeu a mulher mais velha para o Homem de Cabelo Escuro. — Também está adotando um filhotinho?

— Eu vou adotar a Lacey — cantarolou a menina de cabelo preto.

Concluí que eram duas famílias diferentes — a Garota de Cabelo Escuro, o pai e a mãe; e o Homem Novo, um garoto e uma mulher mais velha, que não parecia ser a mãe do garoto. Apesar de as duas famílias serem humanas, elas tinham cheiros diferentes.

O Homem Novo me pegou e deu as costas para o Homem de Cabelo Escuro.

— Você vem, mãe? — perguntou ele após dar alguns passos. Senti uma tensão esquisita vinda das mãos do Homem Novo.

— Foi bom falar com vocês — disse a mulher mais velha (a que o Homem Novo tinha chamado de “Mãe”) para a família Cabelo Escuro, antes de se apressar na nossa direção. Ela estava franzindo o cenho para o Homem Novo. Ele esperou que ela nos alcançasse. — O que foi isso? — perguntou Mãe baixinho. — Nunca vi você ser tão mal-educado.

Preso junto ao peito do Homem Novo, não conseguia ver Lacey e mal podia sentir o cheiro dela. Me contorci, e ele me afagou.

— Você não sabe? — respondeu o Homem Novo. — Ele é um dos robôs fazendeiros que estão tentando acabar com o nosso negócio.

O garoto correu até a lateral de um carro. Dentro do veículo, havia outro menino, mais novo, sorrindo para mim.

— Espera!

A pequena Ava estava nos alcançando, e o Homem Novo virou.

— Quero me despedir do Bailey!

O Homem Novo me abaixou até o meu focinho estar na altura do nariz de Ava.

— Eu te amo, Bailey. Você é um cachorro muito bonzinho. Não podemos ficar com todos os cães que resgatamos, porque seria um lar temporário fracassado, então precisamos dar adeus, mas vou me lembrar de você para sempre. Espero ver você de novo! — Balancei o meu rabo ao ouvir o meu nome, Bailey, e ao sentir o beijinho que Ava deu no meu focinho.

De repente, eu já estava no carro. Por quê? O que estávamos fazendo? O que aconteceu com a Lacey? O menino mais novo me pegou. Ele era uma cópia menor do primeiro menino — os mesmos cabelos escuros e olhos claros, o mesmo cheiro de pão com manteiga. Eu estava tão ansioso que choraminguei.

— Não se preocupe, garoto, está tudo bem — sussurrou o menino mais novo.

Fiquei intimidado, mas ele esfregou o rostinho no meu de um jeito tão carinhoso que fui seduzido a dar uma boa lambida na sua

bochecha.

Todos estavam entrando no carro agora.

— Posso dirigir? — perguntou o menino mais velho.

— Talvez seja melhor a gente sobreviver à viagem — retrucou o mais novo.

— Você pode dirigir quando a família não estiver no carro, Grant — disse o Homem Novo.

— Não sei por que chamam de licença de aprendiz se não me dão *licença* para aprender — reclamou o garoto.

O carro começou a andar.

— Qual era o negócio com aquele japa? — perguntou o garoto mais velho.

O Homem Novo balançou a cabeça.

— Não é assim que se pergunta. Ele ter ascendência asiática não tem nada a ver com isso.

— O que aconteceu? — indagou o menino que me segurava no colo.

— O pai ficou estranho — explicou o Menino Mais Velho.

— Ele foi mal-educado — interveio a Mãe.

O Homem Novo suspirou.

— Em primeiro lugar, eles não são japoneses, são *chineses*. E não temos nada contra os sino-americanos. O problema é onde ele trabalha. Estão comprando as fazendas e substituindo os funcionários por drones. Enquanto isso, empregados que antes levavam um salário decente para casa não conseguem mais alimentar as suas famílias.

— Ok, entendi, desculpe — balbuciou o Menino Mais Velho, virando o rosto.

— O seu pai não ficou chateado com você, Grant. É só essa situação — explicou a Mãe. — Não é mesmo, Chase?

O Homem Novo grunhiu. O menino mais novo tinha me deitado de costas e estava fazendo cócegas e me deixando morder os seus dedos.

— O nome dele vai ser Cooper! — anunciou ele.

— Que nome idiota — falou o Menino Mais Velho.

— Chega, Grant — disse o Homem Novo.

O nome do Menino Mais Velho era Grant. Foi uma das coisas que aprendi ao longo dos dias seguintes. O nome dele era Grant, e o do menino mais novo era Burke. Na maioria das vezes, a mulher era só Vó, então parei de pensar nela como Mãe. O Homem Novo, no entanto, era um desafio, porque ele parecia não acertar os nomes nunca. Chamava a Vó de “Mãe”, e ela o chamava de “Chase”, mas aí, para tudo ficar ainda mais complicado, os meninos o chamavam de “Pai”, que era o nome que Ava usava para chamar Sam Pai. Era demais para um cachorro só entender, então comecei a pensar no Homem Novo como “Chase Pai”. Será que todo homem era “Pai”?

E todo mundo se dirigia a mim como “Cooper”. Eu havia sido Bailey quando estava com Lacey, e agora eu era Cooper e estava sem Lacey. Eu estava feliz, cercado por gente que me amava, mas uma parte minha estava sempre na expectativa de Lacey aparecer. Pensar nela me dava uma fome estranha, mesmo depois de ter enchido a barriga com o jantar. Eu me sentia sobrecarregado com uma dor persistente e vazia.

Quando Burke não estava deitado na cama, estava em uma cadeira que se movia rápido de um lugar para o outro com a ajuda das mãos dele nas duas rodas. Às vezes, um dos outros integrantes da família ficava atrás de Burke e o empurrava. Burke me queria no colo, e descobri que, se não fosse daquele jeito, ele não conseguia tocar em mim, apesar de se dobrar e tentar, os dedos se agitando no ar. Ele me ensinou a subir em um banquinho macio e baixo, e, dali, pular para o colo dele.

— Sobe, Cooper! — dizia ele, dando tapinhas nas coxas e rindo ao me ver obedecendo a ele.

Quando eu o alcançava, Burke me abraçava e eu conseguia morder o rostinho dele, com o mesmo tipo de carinho fluindo da boca que eu sentia quando abocanhava a pata de Lacey.

— Se o Cooper é o cachorro de Burke, por que eu tenho que treinar ele? — perguntou Grant um dia.

— Por que você acha? — respondeu o Pai.

Grant me levava para fora várias vezes por dia, às vezes, com pressa se eu ameaçasse me agachar dentro de casa. Ele me dava petiscos.

— Sou o garoto legal da família. Você vai ver. Burke diz que você não é um cão de assistência, mas, quando estiver mais velho, vou levar você para fazer trilhas e jogar a bola para você pegar. Vai ver só — cochichava Grant para mim quando me dava petiscos. Eu amava o Grant.

Ele não estava sempre em casa, nem Chase Pai, mas a Vó e Burke, sim.

— Escola — dizia Grant, saindo de casa correndo em seguida. Eu tinha aprendido a esperar aquilo, pois também ouvia “hora de ir para o trabalho” do Chase Pai ou algo parecido com o mesmo tom de voz, e então só restavam a Vó e o Burke para ficar comigo.

— Vamos começar com as aulas de francês — dizia a Vó de vez em quando, e Burke gemia alto.

Eu rolava de costas, pulava em um brinquedo ou corria pela sala para deixar bem claro que existiam alternativas de sobra para o que eles costumavam fazer: ficar sentados observando um objeto sem cheiro que piscava, fazendo barulhinhos de clique, batendo com os dedos em um retângulo e basicamente ignorando o fato de que havia um cachorro em casa. Eles nem levantavam para ir atrás de mim quando eu passava pela portinha de cachorro e trotava rampa abaixo para cheirar cada canto e marcar o meu território lá fora.

Eu me perguntei onde estaria Lacey. Não entendia como eu podia ter tanta certeza de que sempre estaríamos juntos para depois vê-la ser tirada de mim por uma menina de cabelo escuro tão de repente.

Aos poucos, comecei a entender que, por mais que eu vivesse como todos da família, eu tinha uma responsabilidade especial com Burke. Era Burke que me alimentava, apoiando a minha tigela de comida em uma prateleira que ele alcançava e eu podia acessar subindo em um caixote de madeira. Eu dormia na cama de Burke em

um quartinho no térreo — a Vó tinha um quarto maior lá embaixo, e Grant e Chase Pai tinham quartos no andar de cima.

Foi Burke que me ensinou a obedecer comandos.

— Vem. Senta. Fica. Deita.

Ficar era o mais difícil.

Tudo mundo da família me amava e brincava comigo, claro, mas eu tinha a sensação de que Burke *precisava* de mim. Ele se importava o bastante para me ensinar coisas. E ser necessário parecia mais importante do que qualquer outra coisa, o que gerava um laço entre nós tão forte quanto o apego que eu sentia por Lacey. Às vezes, eu olhava abismado para ele por eu ter o meu próprio menino. Eu amava todo mundo da família, mas, em pouco tempo, Burke se tornou o centro do meu mundo. Burke era o meu propósito.

O lugar no qual morávamos chamava-se “fazenda”. Havia um celeiro e uma área cercada onde uma velha cabra de nome Judy mastigava grama distraída, mas nunca vomitava. Às vezes, eu me aproximava da cerca e Judy e eu nos encarávamos. Marquei a cerca, mas a cabra nem mostrou a cortesia de cheirar o local depois. Eu não sabia bem para que aquela cabra velha servia. A Vó passava um bom tempo conversando com ela, mas as cabras falam tanto quanto os cachorros. Judy nunca era convidada a entrar em casa, então decidi que eu era o preferido. Eu podia correr pela fazenda, mas o meu senso de obrigação com o meu menino me impedia de ir além de um grande lago com patos inúteis nadando na superfície. Eu precisava sempre saber onde ele estava.

Vem. Senta. Fica. Deita. Eu tinha um trabalho e aquilo me fazia feliz.

Eu também tinha uma caixa de brinquedos. Sempre que achava que as coisas estavam chatas, enfiava a cara na caixa aberta e tirava dela uma bola ou outro objeto qualquer — a maioria deles de borracha, porque os de pano eu tinha destruído e comido. O único item na caixa de brinquedo para o qual eu não ligava era uma coisa que Grant tinha me dado: “É um osso de nylon para ele roer; é bom para os dentes”, explicou o menino a Burke. Ele estendia aquele

“osso de nylon” sem cheiro, sem gosto e duro para mim. “Pega o osso! Quer o osso?” Grant o sacudia e eu fingia estar interessado, mas só porque tinha pena dele.

Depois de um tempo, não precisei mais do caixote de madeira para alcançar a tigela de comida.

— Você é um cachorro grande agora, Cooper — disse Burke. Decidi que “cachorro grande” era a mesma coisa que “cachorro bonzinho”.

Ou talvez não, porque, mais ou menos na mesma época em que o meu menino começou a dizer “cachorro grande”, ele começou a falar comigo com a clara intenção de que eu devia fazer algo de volta — algo mais difícil do que “Sentar” ou até “Ficar”.

— Vamos treinar, Cooper — anunciava Burke todo dia, e eu já sabia que estava na hora de prestar atenção em um confuso conjunto de comandos falados.

Havia uma corda na porta do que aprendi se chamar “geladeira”. Burke a sacudiu.

— Abre — disse ele.

Ele ficou balançando a corda até eu ser obrigado a abocanhá-la. Grunhindo de um jeito divertido, caminhei para trás, a porta balançando nos parafusos e, então, maravilhosos odores de comida fluíram dela em correntes de ar gelado. Burke me deu um petisco! Pelo visto, “Abre” significava “puxe a corda e ganhe um petisco”.

“Deixa aí” era mais confuso, porque *começava* com um petisco, dessa vez, debaixo de uma luva pesada no sofá. Eu reconhecia aquela luva de quando Grant e Burke atiravam uma bola entre eles no jardim — um jogo que eu adorava porque quando um dos meninos errava, eu saltava sobre a bola, que então virava a *minha* bola.

Burke colocava um petisco de frango embaixo da luva e o petisco ficava ali, apesar de nós dois sabermos onde ele estava! Enfim, decidindo que eu teria que tomar a iniciativa, ia tirar a luva de cima dele.

— Deixa aí! — gritava ele comigo.

Eu ficava surpreso. O que aquilo significava? Eu encarava a luva,



babando, e ia para cima dela de novo.

— Deixa aí! Não! Deixa aí!

*Não?* Para que ele achava que servia um petisco de frango?

— Deixa aí! — repetia ele, mas, dessa vez, me deu um petisco *diferente*, sabor fígado. Eu preferia o de frango, mas, com aquela loucura toda acontecendo, resolvi que fígado seria o máximo que conseguiria.

Depois de diversas repetições do “Deixa aí!” resolvi esperar, e ele me deu mais um de fígado. Não fazia sentido, mas, contanto que terminasse com um petisco, eu estava de acordo. Aprendi a trapacear dando as costas para a luva assim que ele dizia “Deixa aí”. Petisco! Então, o pedaço estava debaixo da luva no chão e Burke não estava mais segurando. Calculei que eu poderia mover a luva e engolir o petisco de frango com facilidade, mas, quando ele dizia “Deixa aí”, eu quase não conseguia me conter, desistindo na hora da luva.

Petisco!

Por fim, decidi que, sempre que o meu menino dizia “Deixa aí”, eu devia ignorar seja lá o que estivesse cativando a minha atenção e optar pela mão dele, que era uma fonte de petiscos mais confiável.

Mas aqueles nacos deliciosos não eram a melhor parte, e, sim, o carinho que jorrava de Burke quando ele declarava: “Cachorro bonzinho, Cooper.” Eu faria qualquer coisa por ele. Burke me amava, e eu amava Burke.

“Puxe” era fácil — eu marchava com uma corda no meu peitoral, que estava amarrada na cadeira. Mas “Puxe” tinha variações que levaram muitos dias e muitos petiscos para aprender.

— Olha isso — disse Burke para Grant. — Certo, Cooper, puxe para a direita!

Aquilo significava puxar em uma certa direção.

— Para a esquerda!

Isso significava puxar na direção contrária. Era um trabalho complicado para um cachorro, mas os elogios de Burke, aliados aos petiscos, faziam tudo valer a pena.

— E para que serve isso? — perguntou Grant.

— É para tipo se eu estiver tendo problemas na neve. Cooper pode me puxar.

— Você não vai tentar sair sozinho na neve. É burrice.

— Não com muita neve, mas, você sabe, mesmo se a neve tiver sido retirada, às vezes é difícil ganhar tração.

— O que mais ensinou para ele?

— Certo, essa é a melhor.

Grunhindo, Burke se levantou da cadeira, deslizando para o sofá e então, de braços estendidos, rolou até o chão. Tenso, observei enquanto ele engatinhava com os braços até o meio da sala.

— Ok! Cooper? Junto!

Na mesma hora corri até o meu menino. Ele levantou os braços e segurou o meu peitoral com as mãos.

— Ajudar!

Ele me agarrou com uma das suas mãos e usou a outra para pegar impulso enquanto eu o arrastava devagar pelo chão até a cadeira.

— Junto — mandou Burke novamente. Fiquei completamente imóvel, aguentando o peso dele enquanto ele se esforçava para sentar. — Viu? Cooper sabe me colocar de volta na cadeira de rodas.

— Legal! Faz de novo! — exclamou Grant.

Apesar de eu ter acabado de colocá-lo de volta na cadeira, Burke caiu pela segunda vez. Não entendia o que estava acontecendo com ele nos últimos tempos, porque ele mal parecia conseguir ficar na cadeira desde que aprendemos o “Ajudar”.

Agora, quando Burke me chamou, Grant foi até a cadeira e a empurrou até a cozinha, que ficava do outro lado do cômodo.

— Por que você fez isso? — perguntou Burke.

Grant riu.

— Anda, Grant. Traz a cadeira de volta.

— Vamos ver se o Cooper consegue entender. Como o pai sempre diz, um desafio fácil não é um desafio.

— Então está dizendo que, de alguma maneira, isso é bom para mim?

— Ou bom para o cachorro.

Burke ficou quieto por um instante.

— Certo, Cooper. Ajudar.

Eu não sabia o que fazer. Como poderia “Ajudar” se a cadeira não estava ali?

Burke puxou a faixa peitoral que eu usava até estarmos de frente para a cozinha.

— Ajudar, Cooper.

Dei um passo hesitante para a frente.

— Isso! — elogiou Burke. — Cachorro bonzinho!

Ele queria que eu o arrastasse até a cozinha? Esse “Ajudar” era diferente do que fazíamos. Parecia mais um “Puxar para a esquerda”. Mas me lembrei de quando “Deixa aí” foi de “nem tente comer o que está debaixo dessa luva” para “ignore o que está no chão mesmo que o cheiro seja delicioso”. Talvez aquele treino significasse que tudo na minha vida estaria sempre mudando.

Comecei a arrastá-lo até a cozinha.

— Isso! Viu? Ele entendeu!

Grant esperou na cozinha de braços cruzados. Burke estava ofegando um pouco quando chegamos.

— Cachorro bonzinho, Cooper!

Petisco!

Grant pegou a cadeira de Burke.

— E agora?

Ele levou a cadeira até a sala e subiu as escadas.

— Ele consegue subir até aqui? — gritou Grant lá do alto, com uma risada zombeteira.

Burke ficou deitado no chão. Ele parecia triste. Dei um cutucão nele com o focinho, sem entender o que estava acontecendo.

— Tudo bem, Cooper — disse ele, suspirando. Uma coisa parecida com raiva parecia estar expulsando toda a tristeza dele. — Nós vamos conseguir.

## Capítulo 5

**B**URKE PEGOU A MINHA FAIXA PEITORAL E ME GIROU DE MODO QUE EU FICASSE de frente para a sala de estar. Pensei saber o que estava por vir: quando ele disse “Ajudar”, fui na direção do sofá, achando que era para lá que ele queria que eu fosse. Mas o meu menino me surpreendeu, me girando de novo.

— Ajudar!

Para as escadas? Eu o arrastei até elas e parei, espantado. Grant estava sorrindo lá do alto. Burke apoiou uma das mãos no primeiro degrau e a outra mão segurou a minha faixa peitoral.

— Ajudar!

Subi um degrau com hesitação. Burke pegou impulso com a mão que estava livre, grunhindo.

— Ajudar! — comandou ele quando parei.

Aquilo não parecia certo; o peso de Burke estava me puxando para trás. Por que Grant não descia para ajudar?

— Vamos, Cooper.

Subi mais um degrau e depois outro. Chegamos a um ritmo, avançando com mais fluidez. Burke precisava respirar fundo.

— Isso! — sussurrou ele. — Estamos conseguindo, Cooper!

Grant tinha parado de sorrir e estava de braços cruzados de novo.

Senti o cheiro do Pai, mas estava concentrado em alcançar o topo. Eu não sabia o que aconteceria quando chegássemos lá, mas esperava que envolvesse o petisco de frango.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou o Pai atrás de nós.

Burke e Grant ficaram mudos e parados ao ouvirem a voz dele. Não balancei o rabo para que os meninos soubessem que, mesmo

sem entender o que estava acontecendo, eu estava levando seja lá o que fosse aquilo bastante a sério.

— Quer contar a ele, Grant? — perguntou Burke satisfeito.

Grant engoliu em seco.

— Eu fiz uma pergunta — disse Chase Pai. — O que os dois estão fazendo?

Burke sorria para o irmão.

— Estou mostrando para o Grant como o Cooper consegue me ajudar a subir as escadas.

Ouvi o meu nome, então imaginei que tudo bem balançar o rabo agora.

— Ah. — Chase Pai esfregou o rosto. — Certo. E ele consegue ajudar você a *descer*?

— Provavelmente. Ainda não praticamos essa parte — respondeu Burke.

— Me avisem se precisarem que eu vá pegar você — disse Chase Pai. — Estamos com um início de verão úmido e precisamos aproveitar a chuva. — Ele se virou e foi para a cozinha.

Grant soltou a respiração.

Burke sacudiu a cabeça.

— Nem com um revólver na mão você teria parecido mais culpado. Por quê? Acha que o pai ia ficar zangado se soubesse que você está torturando o seu irmão?

— Torturando! — zombou Grant. — Qualquer um pode engatinhar por uma escada. Além disso, você tem um *cachorro*.

— Tenta, então.

— Acha que eu não consigo?

— Acho — declarou Burke.

— Ok. Então fica olhando.

Grant dobrou a cadeira de Burke e desceu os degraus, abrindo-a de volta e deixando-a no chão. Então, se apoiou nos joelhos e nas mãos. Fiquei em alerta. Ele precisava de “Ajudar”?

— Não, você está usando os joelhos — falou Burke.

— Não estou, não.

— Arraste as pernas.

— Eu sei!

— Ok, você só deu um passo e já usou as pernas.

— Isso é ridículo.

— Então admite que não consegue.

— Ah, quer saber?

Grant se levantou, pulou o último degrau, e chutou a cadeira com violência. Ela caiu, fazendo um barulhão.

— Ei! — gritou Chase Pai da cozinha. Ele saiu, os sapatos fazendo um som zangado no piso. — O que acha que está fazendo?

Grant encarou o chão sem fazer nada.

— Grant? Tem alguma coisa a dizer?

— Eu *odeio* essa cadeira de rodas idiota! — berrou ele.

O Pai ficou olhando para ele.

— É mesmo? — respondeu Burke com sarcasmo ao meu lado. — Porque eu *adoro* essa coisa.

— Não quebramos equipamentos nesta casa, Grant. Entendido?

O garoto secou os olhos. Consegui farejar as suas lágrimas salgadas. Sem mais uma palavra, ele disparou até a porta da frente.

Chase Pai abriu a boca.

— Grant!

Burke pigarreou.

— Pai?

Chase Pai já tinha dado dois passos para ir atrás de Grant, mas parou, olhando para nós.

— Pode me levar aí para baixo, por favor?

Chase Pai olhou de volta na direção para a qual Grant havia corrido.

— Deixa para lá, pai — pediu Burke baixinho.

Chase Pai pegou Burke no colo e o sentou na cadeira de rodas, mesmo eu estando ali, podendo muito bem ter feito “Ajudar”.

Vários dias depois, estávamos lá fora brincando de “Pegar”. Burke espalhara alguns itens — um sapato, uma bola, um pedaço de pau, uma meia — e então me dizia “Pega!”. Eu nunca tinha ouvido aquela

*image  
not  
available*

*image  
not  
available*



significava que ele estava triste.

— Eu queria poder ajudar, pai.

— Um dia você vai poder, Burke.

Vi aquelas mesmas máquinas passarem todos os dias em que Burke e eu estávamos no jardim trabalhando no “Pegar”. Aprendi a seguir a direção que o dedo dele apontava e a fazer o “Pegar” com a luva, a bola e, às vezes, até com o graveto. Depois, fiz com outras coisas da casa, como travesseiros, uma camisa, um garfo caído no chão. “Pegar” significava apenas que eu devia ficar apanhando coisas e fazendo “Deixa aí” até eu conseguir selecionar algo que me rendesse um petisco.

Não era a minha brincadeira preferida.

Ninguém brincava de “Pegar” com Judy, a cabra velha — nem de qualquer outra coisa, pelo visto. Todo mundo afagava Judy, mesmo ela não sendo um cão e provavelmente nem gostando disso, mas só a Vó entrava no cercado, se sentava e conversava com ela. Judy não balançava o rabo nem parecia reagir, apesar de ficar do lado da Vó.

— Ah, Judy, você é tão doce. Me lembro de quando chegou aqui ainda bebê — dizia Vó. — Miguel mal podia esperar para me mostrar; ele sabia que eu amaria você. Ele era um homem bom, Judy.

Balancei o rabo com o carinho que senti dela, que parecia acompanhado por uma melancolia.

Quando a Vó não estava sentada na cadeira dentro da cerca da cabra, Judy subia nela. Eu me perguntava se a Vó sabia daquilo.

Burke gostava de passar tempo sentado a uma mesa no quarto, pegando pedacinhos de plástico em silêncio e pingando um líquido pungente neles. A coisa era tão forte que me fazia espirrar.

— No que está trabalhando?

Burke e eu levantamos a cabeça ao mesmo tempo. Grant estava apoiado na soleira da porta.

— É uma planta de energia solar. Vou usá-la para fornecer energia para a cidade toda.

Grant desencostou do batente da porta.

— Me mostra.

*image  
not  
available*

As pessoas são assim mesmo. Primeiro, elas mencionam biscoitos, mas agora todo mundo já tinha parado de falar neles.

Grant foi até Burke e sacudiu um dos sapatos.

— Eu preciso desses tênis!

Levantei a cabeça ao ouvir um carro chegando. Depois de um instante, Grant também ouviu.

— Eles estão vindo! Preciso ir!

Vó balançava a cabeça, mas sorria também.

— De qualquer forma, você devia usar as botas, Grant.

— As botas? — Ele a olhou sem acreditar.

— Andou chovendo. Os campos vão estar cheios de lama.

— *Cheios* de lama — repetiu Burke. — As botas são, de longe, a melhor opção. Você ia acabar sujando os tênis de basquete ao ajudar os Millard com os seus esforços por amor aos vizinhos.

Grant estreitou os olhos para o irmão. Olhamos pelas janelas da frente quando ouvimos uma buzina. Eu sabia que vinha do que estava lá na entrada junto à rua.

— São eles. — Grant atirou os sapatos em Burke. — Conserta! — sibilou ele em um tom de voz que acho que a Vó não ouviu.

Ele foi até as suas botas, calçou-as com dificuldade, e desceu a rampa até a entrada junto à estrada fazendo barulho.

— O que você fez pode ser desfeito? — perguntou a Vó.

— Como assim, Vó? — perguntou Burke, fingindo inocência.

— Nada de biscoitos até consertar os tênis.

Burke riu e fez “Pegar” os sapatos de Grant comigo, apesar de eu preferir fazer “Pegar” nos biscoitos, cujos doces aromas me provocavam a cada fungada.

Mais tarde, Burke comeu vários biscoitos e me deu algumas migalhas, e depois descemos a rampa até o jardim. Ele me fez fazer um pouco de “Puxar”, levando-o até a entrada da fazenda. Vi um homem na estrada, ajoelhado ao lado de um caminhão. Burke também o viu e pôs as mãos em volta da boca.

— Pneu furado, sr. Kenner? — gritou ele.

O homem olhou para Burke e assentiu com a cabeça, limpando a

*image  
not  
available*

A Vó encarou o homem.

— Você fez isso, Ed?

Ele deu de ombros.

— Talvez de leve.

Chase Pai e Burke riram, então agitei o rabo.

— Vocês estão se comportando feito crianças — repreendeu ela. —

A Trident Mechanical Harvesting é uma corporação multinacional. Se resolverem vir atrás da gente, o que vamos fazer?

O homem inclinou a cabeça.

— Eu só estava consertando o pneu furado — balbuciou ele.

Chase Pai riu de novo. Resolvi sentar e coçar atrás da orelha. Aquele cheiro forte já tinha desaparecido quase todo, exceto do cano de Chase Pai.

A Vó balançou a cabeça.

— Não sei por que acham isso engraçado. Olha o que aconteceu.

As mãos dela tinham um cheiro parecido com o de carne. Eu as examinei com atenção.

— Hã, pai? — disse Burke. — Olha.

Um carro se aproximava rápido, com uma fumaça de poeira no encalço.

— Lá vamos nós — murmurou o homem. Ele olhou para Chase Pai. — Precisa que eu ligue para alguém? Posso chamar cinco caras para nos dar cobertura.

— Não, acho que isso já foi longe demais. Seu pneu está bom?

— Está.

— Deixe comigo, então. Pode ir.

O homem saiu. Abanei o rabo, mas ele nem olhou na minha direção.

Chase Pai observou o carro se aproximando cada vez mais e mordeu o lábio.

— Mãe, por que não volta para dentro da casa?

A Vó pôs as mãos perfumadas de carne na cintura.

— O que está pensando em fazer, Chase?

*image  
not  
available*

Peluda.

— Não fiz nada disso — retrucou Chase Pai.

— Assim que formos embora, vou ligar para a carrocinha — declarou Boca Peluda.

— O Cooper não fez *nada* — gritou Burke.

O homem riu, mas era uma risada com som feio, então não abanei o rabo.

— Não é como vejo essa situação.

Um caminhão bem grande estava vindo pela estrada. Ele virou devagar no acesso à nossa casa. Chase Pai enxugou o rosto com a manga da camisa.

— Para mim, chega. Vocês estão na minha propriedade e não são mais bem-vindos. Peguem aquela coisa maldita e sumam daqui.

Com uma bufada sarcástica, Boca Peluda se virou e andou até os seus amigos.

De repente, levei um susto: um cachorro saiu do meio das árvores e estava descendo a colina na nossa direção, abanando o rabo. Desgrudei os olhos das pessoas e galopei feliz de encontro a ele. Um cachorro!

Quando cheguei perto o bastante para o cheiro tomar conta dos meus sentidos, percebi que não era um simples cachorro, mas Lacey! Parei e levantei, exultante, a patinha apoiada em uma pequena árvore.

Lacey me deu um encontrão e fiquei tão feliz que comecei a chorar. Nós saltitamos, nos atropelamos e pulamos um em cima do outro.

Burke gritou “Cooper!” e aquilo interrompeu a minha euforia. Virei e corri de volta para ele, mas Lacey continuou colada em mim como se estivéssemos fazendo “Junto” enquanto corríamos.

Burke riu quando quase derrubamos a cadeira dele.

— Quem é você? — Ele esticou o braço e pegou a coleira de Lacey. Ela se sentou obedientemente e aproveitei o momento para morder a sua nuca. — Quietos, Cooper!

Não entendi como “Quietos” se aplicava àquela situação.

*image  
not  
available*



Lacey pulou para lambar o rosto da menina, então enfiei a minha cabeça debaixo da mão da menina para ganhar alguns afagos também. A Vó apareceu na porta de tela atrás da gente. O homem falou alguma coisa para a garotinha e ela correu até a varanda. Burke virou a cadeira para acompanhá-la passando por ele para alcançar a porta.

— Obrigada por ligar e salvar a Lacey! — disse ela à Vó, mas a garota estava mesmo olhando para Burke, e ele para ela. A Vó abriu a porta de tela e saiu.

— Imagina, meu bem. Qual é o seu nome?

— Wenling Zhang, senhora.

— Pode me chamar de Vovó Rachel. E este é o Burke.

Burke levantou uma das mãos.

— Grant! — gritou Chase Pai do outro lado do campo. Ele estava marchando até a casa de um jeito um pouco parecido com o seu andar zangado. Era mais como um caminhar não muito feliz.

— Em que série você está? — perguntou Burke de repente.

— Vou entrar na oitava — respondeu a menina.

— Eu também!

— Ah. Você estuda na Lincoln Middle School? Acho que nunca vi você lá.

— Não, eu estudo em casa. Mas já deve ter visto o meu irmão, o Grant. Ele estudava na Lincoln, mas agora vai para o ensino médio.

— Ah. Não, acho que não conheço ele. Mas entrar na escola durante a sétima série é meio que como ser um novo detento em um presídio, então eu tentava evitar os mais velhos.

Burke gargalhou, assentindo.

Chase Pai subiu a rampa e foi até a varanda. Ele pareceu meio confuso ao ver a menina.

— Cadê o seu irmão? — perguntou ele a Burke.

— Acabei de servir um pedaço de torta para ele — respondeu a Vó.

— Preciso que Grant me ajude. Ele pode comer torta depois de jantar. — Foi aí que Chase Pai viu o homem parado ao lado do caminhão. — O que *ele* está fazendo aqui?